FOME CONTRA FOME: O OLHAR DE JAIME AMORIM SOBRE A GREVE DE FOME DE 26 DIAS

HUNGER AGAINST HUNGER: JAIME AMORIM'S POINT OF VIEW ABOUT THE 26-DAY HUNGER STRIKE

*Jaime de Amorim¹
Rubneuz Leandro de Souza²*

Foto: Adi Spezia / Rede Soberania

*“Greve de fome é resistência pacífica mas não passiva
contra as injustiças” (Mahatma Gandhi)*

¹ Direção do MST e membro do Coletivo de Coordenação da Via Campesina Internacional e um dos integrantes da greve de fome.

² Direção Estadual do MST de Pernambuco do setor de Educação, Mestre em educação Contemporânea pela UFPE e organizadora do relato do Jaime Amorim.

INTRODUÇÃO

O presente relato de experiência busca tratar de uma ação radical deflagrada por sete militantes da luta social, selecionados entre as organizações da Via Campesina do Brasil, que realizaram uma greve de fome por 26 dias. Um ato extremo que coloca seus próprios corpos e vidas a serviço da luta dos trabalhadores.

A greve de fome teve como objetivo pressionar o Supremo Tribunal Federal (STF) pela liberdade do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), preso pela segunda instância, e denunciar o retorno da fome no Brasil, como consequência do golpe jurídico parlamentar que hoje governa o Brasil. Esse golpe está causando o aumento da fome, da miséria, da violência e desemprego, bem como, o cerceamento da democracia com a violação do Estado democrático de direito para o Brasil e o povo brasileiro.

Este relato foi construído tomando como material as reflexões feitas por Jaime Amorim como um dos grevistas, que diariamente escrevia um texto colocando em debate questões diretamente vinculadas à greve fome. Convocado pela direção do MST e pela Via Campesina brasileira, ele se colocou à disposição para ser um dos componentes a realizar esta greve de fome em defesa de Lula e em defesa do povo brasileiro, como soldado desta luta e desta causa, disposto a qualquer consequência.

Os textos trazem informes sobre a greve de fome, alguns relatos diários, mas também e fundamentalmente para orientar a militância, com análises sobre vários temas. Hoje, após o encerramento da greve, fizemos um esforço para tentar organizar por temas, e trazer alguns fragmentos dessas análises: 1) a construção da unidade em torno do Projeto Popular, 2) contextos da greve de fome, 3) consequências do golpe para setores da sociedade, 4) os desafios para o povo brasileiro, 5) greve de fome como instrumento da luta política e 6) por último, as considerações trazendo a simbologia da greve como instrumento de luta da classe trabalhadora: o caminho se faz ao caminhar.

1. A CONSTRUÇÃO DA UNIDADE EM TORNO DO PROJETO POPULAR

A greve de fome, embora realizada por pessoas, individualmente, não foi uma ação individual. Os militantes, respondemos a uma chamado de suas organizações para realização da greve como uma das frentes de ação contra o golpe que está acometendo a população brasileira desde 17 de abril de 2016, quando por meio de *impeachment* depuseram a presidenta democraticamente eleita. No relato que Amorim fez no dia 31 julho de 2018, expressou essa convocação:

Militantes dos movimentos sociais de vários estados brasileiros, estamos em Brasília em greve de fome, como forma de protesto político por tempo indeterminado, tendo, como condição básica, a liberdade do presidente Lula, que hoje completa 116 dias de seu encarceramento, como uma medida do golpe para desconstruir publicamente sua liderança e sua representatividade perante a sociedade brasileira e impedir legalmente (via lei da Ficha Limpa)³ que Lula possa ser candidato a presidente nas eleições de outubro deste ano.

Neste sentido, a greve de fome foi uma ação deflagrada pelas organizações populares como uma medida para tentar furar o cerco imposto pelo golpe contra a constitucionalidade do Brasil, em que o judiciário a cada dia aplica medidas que ferem o Estado democrático de direito, para manter Lula preso, buscando ajustar ou interpretar a constituição, ou jurisprudência a serviço dos interesses de manter Lula inelegível. Deste modo, a greve de fome, como medida extrema, buscou furar o cerco no judiciário imposto pelos golpistas. No texto do dia 31 de julho, Amorim tratou sobre a determinação que os levaram a colocarem seus próprios corpos como instrumento de luta:

O estabelecimento do golpe de Estado, do golpe à democracia e das políticas implementadas pelo governo golpista, que causam o retorno da miséria e da fome ao povo brasileiro, são fatores determinantes para a tomada desta decisão. Trata-se de um sacrifício para sensibilizar as autoridades e evitar maiores prejuízos à sociedade e aos mais pobres, bem como a defesa da sofrida democracia brasileira que a cada período histórico, em que se estabelece um governo com programa um pouco mais voltado a construção do Brasil como nação, é golpeada a serviço dos interesses internacionais do capitalismo. Para a retomada da democracia, do Estado de direito e das garantias constitucionais, é fundamental a liberdade do ex-presidente Lula,

³ A lei da ficha limpa foi promulgada em dezembro pela Lei Complementar nº 135 de 2010 por iniciativa popular, que dispunha sobre as condições, os motivos e as situações em que uma pessoa, não poderá se eleger para cargo público. Tornar eleitoralmente inelegível.

submetido a uma série de injustiças e fraudes processuais, preso político e impedido de exercer livremente a sua defesa e de realizar a campanha eleitoral, como pré-candidato a presidente da república.

Quem foram os sete grevistas que realizaram 26 dias de Greve de fome por Justiça no STF? Pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA): Frei Sérgio Antônio Görgen, do Rio Grande do Sul, 62 anos, e Rafaela Alves, 31 anos, de Sergipe; pela Central dos Movimentos Populares (CMP): Gegê – Luiz Gonzaga da Silva, 69 anos, da Paraíba (Catolé do Rocha), hoje mora em São Paulo; pelo Levante Popular da Juventude: Leonardo Soares, 22 anos, dirigente do estado de Alagoas; pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): Zonália Santos, 48 anos, dirigente nacional de Rondônia; Vilmar Pacífico, 60 anos, do Paraná, e Jaime Amorim, 58 anos, de Pernambuco.

Na medida em que iam se passando os dias eles e elas iam afirmando a convicção do propósito de estarem realizando a greve de fome, como expressou Amorim no texto do quarto dia:

Cada dia que passamos em Greve de Fome temos mais clareza que temos que lutar contra as injustiças, a fome, a violência que atinge frontalmente as camadas mais pobres da população brasileira, o desemprego que leva à desesperança a grande parte da classe trabalhadora. Lutar contra o golpe que, em nome dos interesses do capital, cerceia a presunção de inocência do presidente Lula, mantido encarcerado há 120 dias sem direito à legítima defesa, e pela defesa do Estado democrático de direito, Para buscar uma alternativa jurídica para prender Lula e retirá-lo da vida política, o poder judiciário rasgou a Constituição brasileira, negou a presunção de inocência⁴ a Lula, e, em consequência deste rompimento da Constituição, mais 18 mil brasileiros estão encarcerado condenado em segunda instância.

2. O CONTEXTO DA GREVE DE FOME

A greve de fome, como medida extrema, está dentro de um contexto de golpe em que se faz uso de todas as formas de luta para furar o cerco político-jurídico em que está

⁴ É um instituto previsto no artigo 5º, inciso LVII da Constituição Federal de 1988. Refere-se a uma garantia processual atribuída ao acusado pela prática de uma infração penal, oferecendo-lhe a prerrogativa de não ser considerado culpado por um ato delituoso até que a sentença penal condenatória transite em julgado. Esta situação, em tese, evita a aplicação errônea das sanções punitivas previstas no ordenamento jurídico. Ainda garante ao acusado um julgamento de forma justa em respeito à dignidade da pessoa humana. Em 2016, o STF, já com a intenção de punir políticos do PT e depois Lula, cria um Jurisprudência de prisão em segunda instância.

envolvido o encarceramento do ex-presidente Lula. No texto produzido no quinto dia da greve de fome, intitulado “Jamais Poderão Aprisionar Nossos Sonhos!”, Amorim descreve o contexto que os levaram a realizar essa forma de protesto:

Neste quinto dia de greve, em que as condições físicas já passam a apresentar sinais de enfraquecimento, nosso espírito está mais aguçado e fortalecido pelo apoio e carinho que estamos recebendo. Lutamos pela liberdade de Lula e contra o aprisionamento de todo o povo brasileiro, que mantém seus sonhos, suas esperanças e seu futuro também aprisionados.

O golpe é responsável pelo aprisionamento, arquitetado e construído a serviço do interesse da burguesia brasileira entreguista e dos interesses do capital internacional. Os principais forjadores do golpe contra a democracia, contra o conjunto do arcabouço do Estado democrático de direito, contido na constituição federal são:

a) O Congresso Nacional - com a bancada mais conservadora e serviçal de todo os tempos de nossa frágil República. Esta bancada teve o papel de aprovar o golpe, concretizado no *impeachment* de Dilma e devolver a gerência do Estado ao capital para aplicar o receituário econômico. Uma receita determinada pelo centro do capital, cujos ajustes constitucionais são necessários para aplicação do projeto golpista e a ganância do próprio capital. Por isso, os serviços do congresso aprovaram por unanimidade todas as medidas e reformas proposto pelos conspiradores do golpe.

b) A mídia comercial brasileira - que representa esses interesses, capitaneado pela rede Globo, cumpriu o papel de se colocar a serviço do golpe. Tentando criar um senso comum de que Lula e o PT não tiveram capacidade de gerenciar o Estado e colocaram o Brasil em um processo de profunda crise, em meio à incapacidade política e à corrupção. Eles foram responsabilizados pela crise e criaram um sentimento de medo, ódio e desesperança na maioria da população.

c) O Poder Judiciário - responsável por criar os “argumentos legais” para justificar o golpe e desconstruir⁵, no seio do povo, a liderança de Lula e do PT - partido que representa parte dos interesses da classe. O poder judiciário, ao investigar, processar, condenar e encarcerar Lula, mesmo sem crime ou prova de crime, cumpre o papel de desconstruir a liderança de Lula (o mito) no seio da população mais pobre.

O poder Judiciário desnudou o Estado brasileiro. Tudo pode ser feito para atingir seus objetivos até rasgar a Constituição. Pode-se descumprir decisão judicial, desrespeitar a jurisprudência e substituir o legislativo, criando leis como o caso da prisão em segunda instância e até intervindo ou subordinando o executivo impedido posse de ministros, esta é de prerrogativa e responsabilidade do poder Executivo.

⁵ Desconstruir é diferente de destruir, a desconstrução está na esfera da subjetividade em atingir algo ou alguém a autoestima da população

Para descrever quem é o poder judiciário, foi feito o texto intitulado: “A Carroça e os Bois” no dia 8 de agosto, 9º dia da greve de fome, dia em que as organizações de esquerda, partidos, centrais sindicais e a Frente Brasil Popular estavam preparando uma jornada nacional pela liberdade de Lula, e em específico para os seus advogados que estavam muito céticos em relação a uma saída jurídica, para o “Dia do Basta” Para a liberdade de Lula e sua legibilidade. Uma resposta para os que apenas olham para uma alternativa. A jurídica.

Apreendemos sempre, desde cedo e ouvimos volta e meia o provérbio cotidiano: “Cuidado para não colocar a carroça na frente dos bois”, que deriva da ideia de que tudo tem uma ordem e que precisa ser respeitada para não perder a lógica do sistema de funcionamento. O positivismo do “ordem e progresso”: toda ordem, automaticamente, levará ao progresso, que no Brasil está expresso na bandeira, símbolo nacional. Para os que rompem a ordem, o vigor da lei: há momentos conjunturais que a luta exige “que coloquemos a carroça na frente dos bois”. Este pensamento, contraditório ao provérbio, é dedicado a Miguel Arraes, ex-governador de Pernambuco, para expressar que, algumas vezes, para romper a normalidade você tem que romper com as regras naturais.

Quando iniciamos a greve de fome, já sabíamos o que íamos enfrentar para garantir a liberdade de Lula e sua condição legal para disputar as eleições. Hoje, temos dois imbróglis institucionais que temos que resolver, ou padecemos. E nós, o povo e Lula, seremos derrotados e o golpe sairá fortalecido.

O primeiro diz respeito ao poder judiciário brasileiro, que mantém uma supremacia em relação aos outros poderes da República. Este processo cria um desequilíbrio entre os poderes e uma insegurança jurídica no país. A decisão sobre o processo de Lula caberá a decisão ao STF, como instância máxima do poder judiciário, mas o que se vê é que o Supremo avaliza todo os desmandos que estão sendo feitos pela República de Curitiba⁶. Um juiz de primeira instância, treinado pelo serviço de inteligência dos Estados Unidos, transformando todo o poder judiciário, refém de uma decisão judicial, de investigar, condenar e prender Lula sob orientação política, dos grupos que idealizaram, conspiraram e impuseram o golpe contra o Estado democrático de direito e contra todo o povo brasileiro.

Todos os juristas nos dizem que o processo contra Lula é frágil, tecnicamente cheios de vícios e que, em uma situação de normalidade, seria fácil vencê-lo. No entanto, o poder judiciário desde o *impeachment* de Dilma, está apenas a serviço de criar formas jurídicas de dar legalidade a

⁶ Expressão utilizada como denominação a um grupo de Juízes federais de primeira instância, Ministério Públicos Federais e policiais federais, localizados em Curitiba que são responsáveis pelos processos da operação Lava- Jato, que se manifestam publicamente como anti-PT, que foram treinados e recebem orientação do centro de conspiração do Golpe.

uma decisão política. O que está acontecendo com os desembargadores do STF? Para alguns, é um enigma a ser resolvido, pois é difícil compreender a posição de alguns ministros e ministras como Rosa Weber e Edson Fachim, ou mesmo a presidente Carmem Lucia, ambos têm tomado comportamento e formulado teses que normalmente não seriam seus comportamentos normais, considerando a história que os levou a serem membros da corte suprema. São traidores da sua concepção histórica e se apaixonaram pela doutrina conservadora das elites, foram cooptados pela projeção e espaços que os meios de comunicação têm oferecido para serem algozes dos que defendem interesses contrários aos golpistas. Ou foram picados pela ostentação do poder que os golpistas podem lhes dar como gratificação para impedir que Lula possa ser candidato enquanto eles constroem uma candidatura que possa representar seu projeto.

Segundo, o comportamento dos advogados que defendem Lula. O sentimento que temos é que eles ainda não entenderam que vivemos um golpe com supressão total do Estado democrático de direito. Orientam ainda a burocracia partidária a continuar apostando nos recursos judiciais, chegaram a nos dizer que Lula poderá ser solto em dezembro se o poder judiciário for complacente com o processo. Para eles, o que se tem que fazer é buscar alternativas jurídicas, algum vácuo no judiciário que poderá ser aproveitado, de preferência com o povo dormindo e a militância só ficar sabendo pela imprensa, como uma grande jogada dos mestres da advocacia.

Qual saída? O carro na frente dos bois, se as decisões do poder judiciário não seguem as regras e normas jurídicas e constitucionais então a nossa tática tem que ser no campo político, que deverá orientar e determinar as ações do jurídico. E não o contrário, o jurídico determinando as ações políticas. Os pessimismos dos advogados que acompanham Lula da ideia que já existe uma conformação com a ordem das coisas. “Não vamos conseguir registrar a candidatura de Lula; se conseguirmos, ele não poderá disputar as eleições, e os partidos já trabalham com o tal plano “B”⁷.

Vemos hoje, na República, não mais o equilíbrio entre os poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, mas uma conjuntura de supremacia do Judiciário em relação aos outros poderes republicanos. Com altos salários e custo de vida elevado, distanciam-se cada vez mais da sociedade, se colocando como seres superiores e buscando formas de se capitalizar para sustentar o padrão de vida bem superior às condições de seus altos salários. Para isso, criam empresas ou compram ações de empresas em nomes de familiares, ou utilizam a corrupção, principalmente extorquindo presos e familiares, e vendendo sentenças para condenar e libertar de acordo com os interesses.

Estamos em um momento conjuntural em que o projeto da burguesia (o golpe) fracassou do ponto de vista econômico, a crise se aprofundou. Do ponto de vista eleitoral, eles não têm uma liderança que represente os seus

⁷ Plano “B” foi expressão usada quando se refere à ideia de construir um candidato a presidente para substituir Lula, caso ele não possa concorrer.

interesses em condições de disputar as eleições. Portanto, manter Lula preso e inelegível é a única possibilidade deles manter o Golpe e seu projeto.

Do outro lado, nós estamos reconstruindo a figura de Lula na principal liderança em condições de representar o povo brasileiro na luta contra o golpe e seus interesses, contradizendo todos os bombardeios.

Libertar Lula em condições legais para disputar as eleições é tarefa prioritária de todos os lutadores e lutadoras do povo. A greve de fome está integrada ao conjunto de formas de lutas que estão levantando o País: Marchas, Caravanas, Jejuns, Dia do Basta, a Marcha Nacional que chega a Brasília para o registro oficial da candidatura de Lula. É o povo em Luta resistindo ao Golpe e construindo saídas!

Só o povo em luta poderá mudar esta correlação de força e impor ao STF força política capaz de superar as forças articuladas do golpe. Quem vai decidir é o povo nas ruas e os advogados vão buscar argumentos e brechas jurídicas para respaldar os movimentos populares nas ruas. Nós estamos em greve de fome, amanhã vamos para o 10º dia, não para seguir orientações técnicas de burocratas encantados com as manobras judiciais. Mas porque acreditamos que podemos mudar o jogo e alterar a correlação política e com a força do povo mudar o posicionamento do poder judiciário brasileiro.

Colocar a carroça na frente dos bois é uma simbologia das necessidades de definição tática e formas de lutas para enfrentar o golpe e os golpistas. Recebemos aqui e nos estados muitas mensagens de solidariedade, todas e todos nos agradecendo muito. Isso fortalece o nosso espírito e reafirma a nossa decisão e compromisso, mas precisamos transformar esta solidariedade estática e individual em ações coletivas multiplicadoras, nos espaços públicos, nas ruas. A cada dia, recebemos mensagens de companheiros e companheiras que comunicam que estão em jejum em solidariedade à Greve de Fome Nacional. É preciso multiplicar estas ações para que elas possam se irradiar pelos estados e pelas cidades, na frente de fóruns, dos tribunais de justiça, nas catedrais, enfim esta é a melhor forma de nos prestar solidariedade.

3. CONSEQUÊNCIAS DO GOLPE PARA SETORES DA SOCIEDADE

Frente a todas as motivações, acreditamos que a principal motivação da greve de fome são as consequências que o golpe tem trazido para a população. Essa análise aparece em vários dos textos que produzo por Amorim durante a greve. São textos que procuram analisar que todos os setores da sociedade, perderam como golpe, com consequências desastrosas para diversos setores, sem perder de vista as críticas do ciclo Lula e Dilma, mas apontando que as poucas conquistas que estavam em curso estão sofrendo retrocesso e até a extinção de muitas

políticas e programas que atendiam á uma parcela significativa da sociedade: o povo do nordeste, as mulheres, a juventude, a questão indígena, a soberania nacional, e a integração latino- americana:

a) O Semiárido Nordestino

Hoje, sexto dia da Greve por Justiça no STF, estamos recebendo a visita da Caravana do Semiárido contra a Fome, que saiu de Caetés em Pernambuco, passou pela Bahia, Minas Gerais, São Paulo até Curitiba, levando a mensagem pra Lula que o nordeste não abre mão de Lula presidente, E também para agradecer pelas políticas adotadas que permitiram ao nordeste e ao povo nordestino ser valorizado, melhorando a vida do povo e ter permitido recuperar a dignidade de um povo com tantos sofrimentos e resistência pudesse olhar para o futuro e sonhar.

Foram seis anos de seca no semiárido nordestino, com muitas angústias e necessidades, perdas quase total do rebanho de caprinos, ovinos e bovinos, seis anos sem colheita de grãos, principalmente do milho, do feijão e da mandioca que fazem parte da cultura regional. Mesmo assim, nenhuma família teve que migrar por falta de água e alimento. Ninguém morreu de sede ou fome.

O nordeste sempre foi discriminado em todas as políticas. Desenvolvimento industrial sempre foi para o Centro Sul, como infraestrutura, portos, aeroportos e estradas. Prioritariamente, na Ciência e Tecnologia, 90% dos recursos das pesquisas estavam destinados às universidades e centros de pesquisas do Sudeste. Até para os camponeses as políticas era diferenciadas: antes de Lula quase 70% do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF) eram contratados no sul e sudeste; e o nordeste que tem 55% dos camponeses do Brasil, não contratava PRONAF, a não ser uma porcentagem muito pequena por falta de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e compromissos dos bancos Públicos que preferiam atender empresas agrícolas, usinas e fazendeiros do que contratar PRONAF, pois segundo eles dava muito trabalho e pouco resultado.

Esta situação passou a iniciar um processo de reversão, não se trata de tirar recursos de outras regiões e diminuir sua capacidade de investimento, mas dar prioridades às regiões equivalentes às suas necessidades e potencialidades e distribuição justas dos impostos arrecadados. Com Lula e Dilma, o Nordeste passou a ser valorizado.

Hoje, o desemprego é massivo. As obras pararam, as indústrias faliram, os portos diminuíram os serviços, desacelerou a movimentação, o programa Minha Casa Minha Vida está parado, os polos industriais desvalorizados pela política de importação, principalmente na produção de roupas e tecidos da China. Com isso, volta a prosperar a desesperança e o medo de um futuro com o retorno da fome, do desemprego, da miséria e da violência.

Os governos de Lula foram responsáveis por programas e políticas públicas que valorizaram o camponês e a camponesa do semiárido, melhorando a qualidade de vida e condições de trabalho, como: Programa Luz pra Todos, Programa de Cisternas e tecnologias de armazenamento de Água, Bolsa Família, qualificação e acesso ao PRONAF, Água Pra todos, Programa Água Doce, acesso à aposentadoria, desburocratizando e melhorando o salário, habitação Rural, Programa Terra Forte, Mais Médicos, farmácia popular, incentivo à produção orgânica e agroecológica, Programa de Comercialização pública: PAA, PNAE e PAA Caprino, e o mais importante no processo estruturador, o Programa de equipamento para as prefeituras atender a zona Rural, Carro Pipa, Patrol, Carregadeira mecânica, caminhão e trator que tinha como objetivo atender a zona rural, com manutenção e abertura de estradas e rodagem, escavar açudes para armazenar água e criação de peixes em cativeiro, entre outras políticas.

Pela primeira vez na história, o camponês brasileiro e nordestino, em especial, pode pensar sua reprodução como camponês sem preconceito e com dignidade, pode pensar o campo com: saúde, estradas, energia elétrica e luz, escola, esporte e espaços de cultura.

É certo que faltou muito e muito deixou de ser feito, principalmente no tema da Reforma Agrária. A principal tarefa de Lula para o nordeste é resolver o problema histórico da concentração da terra e o poder do latifúndio e das oligarquias regionais que impedem o povo de exercer livremente a democracia e terra para trabalhar. Portanto, a resistência do povo do nordeste, com marchas, caravanas, rezas, jejum, greve de fome, pela liberdade de Lula e por Lula livre, é motivado, principalmente, por não querer ver uma região retroceder e ter que viver de frentes de emergência e cestas básicas.

b) As Mulheres que Lutam, para Viver e Sobreviver

No texto do 13º dia da greve de fome, mesmo sendo o dia dos pais, e rendemos toda nossa homenagem a todos eles, incluindo os que já não estão mais entre nós, foram valorosos e cumpriram suas tarefas, vou tentar fazer uma reflexão sobre as lutas históricas das mulheres. Não pretendo recuperar a história e nem nos debates conceituais do tema apenas, tento trazer a ideia de que a luta das mulheres de resistência contra o golpe para impedir retrocessos no debate de gênero e a lutas das mulheres é do conjunto da sociedade.

A questão da opressão das mulheres no Brasil tem raízes históricas na ideologia patriarcal, com um sistema de poder machista que reproduziu historicamente relações de sexo e gênero de dominação e exploração. A história do nosso país foi sempre assim de dominação, relações patriarcais e escravocratas. O patrão domina o trabalhador e o trabalhador reproduz esta relação na sua vida familiar com as mulheres e filhos. Mas isso não quer dizer que as mulheres não resistiram. Foram muitas guerreiras que deram a

vida resistindo e lutando para que o Brasil pudesse se constituir com uma nação, democrática, livre, independente e com novas relações entre homens e mulheres, entre tantas: Luiza Nahim, Tarsila Amaral, Margarida Maria Alves, Dandara, Mulheres de Tejucupapo, Tereza de Benguela, homenageada em nossa marcha com o nome da coluna da Amazônia e Centro Oeste, e tantas que continuam lutando e resistido: Elizabete Teixeira, Maria da Penha e tantas guerreiras que enchem de orgulho o nosso povo.

Depois de cinco séculos de luta das mulheres, com a ascensão do movimento de massas, as mulheres foram conquistando espaços nos movimentos populares, nas estruturas do movimento sindical, partidos políticos, participaram e ganharam espaços na constituinte, mas foi nos governos de Lula e Dilma que as mulheres conquistaram mais espaços e condições de disputas de espaços e afirmações.

Mesmo que as conquistas não sejam ainda consideradas com capacidade de recuperar tempos históricos de repressão e opressão contra as mulheres, pois o ditado popular sempre nos ensina que: “os que humilham, oprimem, torturam e discriminam, podem esquecer-se de suas ações, mas, as que sofreram humilhação, opressão, torturas e discriminação, vão guardar na memória por gerações para um dia vencer os algozes”. Mas do ponto de vista cultural, social e de conquistas legais, podemos considerar o momento da nossa pobre república que mais avançamos nesta questão. As mulheres foram protagonistas nos governos de Lula e Dilma, pois neste período o Brasil aplicou uma série de ações que garantiram avanços no combate à discriminação e violência contra a mulher. Uma delas foi a Lei 11.340/06, mais conhecida como Lei Maria da Penha, que representa um avanço considerável na punição da violência machista contra as mulheres, lei do feminicídio, criação das delegacias das mulheres, construção da chamada Casa da Mulher Brasileira. Foram políticas públicas e programas sociais que empoderaram as mulheres, como a Bolsa Família com titularidade das mulheres, Minha Casa Minha Vida, hospitais especializados, entre outras.

No campo, as mulheres passaram a receber aposentadoria, no mesmo valor do salário mínimo, os benefícios passaram a ser pagos em nome das mulheres e na reforma agrária a titularidade do cadastro de beneficiário da reforma agrária passou a ser da mulher, quando antes ela era cônjuge dependente. Hoje, em 80% das famílias assentadas, as mulheres são titulares, em iguais condições com os companheiros. Mas do ponto de vista simbólico, nada é mais representativo do que ter elegido a primeira mulher presidenta, que queria ser chamada de presidenta Dilma e uma maioria dos ministérios comandada por mulheres e ministérios estratégicos política e economicamente.

O Golpe foi realizado por uma maioria de homens, brancos e ricos. A Nossa greve de fome teve a participação de duas guerreiras, uma jovem e uma mãe e avó, em sintonia para derrotar o Golpe e impedir ainda mais retrocessos. “Quando uma mulher avança nenhum homem retrocede”.

c) Juventude na Luta Contra o Golpe

Hoje, no sétimo dia de greve de fome, nosso corpo cada vez mais lento e sonolento, mas o coletivo está cada vez mais coeso e forte no espírito do compromisso que nos move.

Hoje, pela manhã, entre outras novidades, ressaltamos duas que vou aproveitar para o texto: a visita de uma comissão da Pastoral da Juventude Rural (PJR) e um jovem do Levante Popular da Juventude, de Alagoas, que se integra ao coletivo de grevistas. Portanto, a partir de hoje, 7º dia de Greve, seremos sete a conduzir a tarefa de participar da “Greve de fome por Justiça no STF, contra fome e pela liberdade de Lula”.

A questão que se coloca hoje é: Por que a juventude organizada está tão mobilizada ao redor da bandeira de luta “LULA LIVRE”? O que alterou da mobilização de 2013, quando milhares de brasileiros saíram às ruas de todo País, a maioria jovens e estudantes? Na época, cinco anos atrás, a direita mobilizada a partir da imprensa incentivava a juventude para lutar contra uma possível crise que poderia tirar diretos, diminuir políticas públicas, diminuir empregos, salários, etc., e contra os governos do PT. A burguesia conseguiu mobilizar uma juventude ao redor do medo da crise e criou, ideologicamente. Na mídia, um ódio da classe em particular contra o PT, movimentos sociais, organizações políticas e sindicatos que direta ou indiretamente tivessem alguma relação com o governo PT. Todas e todos éramos *PeTralhas*, comunistas, antipatriotas que queríamos substituir o verde e amarelo da bandeira nacional por vermelho como cores para pátria brasileira.

Aos poucos, a conjuntura foi separando os que estavam nas ruas com reivindicações conjuntas e, portanto, a luta contra a política econômica, mobilizados pelo medo de perdas de conquista dos últimos anos. Diferente de um pequeno grupo que foi movido pelo ódio, rancor e preconceito, por interesses políticos da extrema direita que conseguiu recrutar para suas fileiras um grande conjunto desta juventude, principalmente nas universidades. Tudo foi muito rápido, mas o suficiente para perceberem que a maioria foi manipulada e entenderem que o golpe representaria a real face do projeto conservador brasileiro, de retiradas de direitos, de reformas retrógradas, de uma política econômica submissa aos interesses do capital e dos grandes grupos multinacionais que impõem, a serviço do Império, aos países periféricos uma política de ajustes e o fim das políticas públicas e sociais, para salvar o capital.

Duas questões que são consequências diretas do golpe e seu projeto econômico, entre tantas, movem esta juventude: a defesa da educação pública, de qualidade e gratuita com acesso para todo o povo brasileiro e a violência generalizada. É claro que a juventude também está preocupada com o desemprego, que gera desesperança, a fome, o acesso à cultura, aos espaços de lazer, a luta contra a corrupção, as desigualdades sociais, a saúde pública sendo sucateada, a perda da soberania nacional, o cerceamento do

Estado democrático de direito. Historicamente, a juventude sempre esteve preocupada com as questões nacionais, com palavras de ordem contra o imperialismo e em defesa da soberania nacional, hoje mais do que nunca está vivo no seio da juventude a luta contra o golpe e luta pela liberdade de Lula.

Lutar contra o sucateamento das universidades e da educação pública brasileira. A necessidade desta luta ficou mais clara quando a juventude passou a perceber que, mesmo com as críticas que temos aos governos petistas que cuidaram mais da construção física das escolas, e abandonou as questões educacionais e pedagógicas para o mercado, criando uma massa de universitários profissionais sem elevar o nível de conhecimento social e filosófico e sem elevar o nível de consciência. Na primeira crise, foram manipulados pela direita e pelos meios de comunicação, até defender o golpe que contraditoriamente golpearam seus direitos e conquistas.

A juventude passou a entender que, em 2002, o programa de governo neoliberal era de privatizar as universidades e escolas técnicas, cobrando mensalidades nas universidades públicas e que o Governo Lula rompeu com este ciclo de sucateamento das universidades públicas e escolas técnicas e ampliou a capacidade das atuais universidades, modernizaram centros de pesquisas, criaram novas universidades, interiorizando as universidades federais e estaduais. O PT criou 18 universidades federais, contra nenhuma de Fernando Henrique Cardoso (FHC), por meio do programa de apoio, reestruturação e ampliação das universidades federais (Reuni). Criou 422 escolas técnicas em todo o Brasil, além de programas para apoio aos estados e municípios para construção e reforma de escolas de nível fundamental e médio, programa de apoio aos municípios de ônibus escolares, construção de quadras esportivas nas escolas e centros tecnológicos.

E por meios de programas como FIES, PROUNI, Bolsas de apoio a estudantes de universidades federais, (transportes, alimentação, aluguel) políticas de cotas que permitiram acesso de negros, indígenas às universidades e outras políticas que permitiram a filhos e filhas do povo ingressar e se formar em cursos superiores, ampliando em muito as possibilidades de acesso e a capacidade das universidades de absorver estes ingressos.

A violência assusta a juventude, que perde a liberdade de ir e vir livremente com o medo assaltos, estupros, assassinatos, cometidos por ladrões, bandidos ou por grupos extremistas movidos por preconceitos. Em 2017, foram 60 mil pessoas assassinadas, um aumento brutal em relações a anos anteriores. Os índices apontam que a maioria é constituída por jovens brancos e jovens negros das periferias do Brasil.

Nesta conjuntura, resta à juventude lutar contra o golpe, retomar as ruas em defesa da democracia, da soberania nacional ou sucumbir às consequências da política golpista que incentiva o ódio, o preconceito e a desesperança. Por isso, o Levante Popular da Juventude cresce e integra a cada dia mais jovens às suas fileiras. Utilizam de bandeiras políticas justas e formas de lutas legítimas para que o povo passe a entender a linguagem. E a liberdade de Lula e sua condição de disputar as eleições, neste momento histórico, são

fundamentais para representar o conjunto da sociedade e, em especial, a juventude na luta contra o golpe e na construção do reestabelecimento do Estado democrático de direito e da soberania nacional. Por outro lado, a juventude também exige que Lula presidente governe com o povo, em aliança com o povo e suas organizações, rompendo pactos de classe dos governos anteriores.

d) Consequências do Golpe para os Povos Indígenas

No texto do oitavo dia de greve, Amorim escreveu sobre os povos indígenas, população que mais tem sofrido com o avanço do agronegócio sobre as comunidades tradicionais:

Hoje pela manhã, recebemos a visita de um grande grupo de indígenas dos povos Guarani e Kaibas, do Mato Grosso do Sul, que mais uma vez estão em Brasília para denunciar as agressões, a fome e exigir a demarcação de suas terras. Entre as danças do toré, as rezas e bênçãos pedimos perdão pela destruição dos povos nativos produzida pelos colonizadores europeus. Na década de 1990, a população indígena não passava de 300 mil, representava 0,2% da população brasileira. Sobreviventes de um processo histórico de tentativa de extinção, exigida pela burguesia latifundiária, que pretendia massacrar o restante dos povos indígenas, através da catequização inseri-los na “civilização” e transformá-los em “cidadãos” brasileiros sem identidades indígenas, enquanto a burguesia avançava as fronteiras agrícolas para cima destes sagrados territórios.

O processo de resistência dos povos indígenas no Brasil passou os anos de ditadura na total obscuridade, mas, contraditoriamente, em algumas regiões do país, as resistências e as tentativas de massacre por latifundiário passaram a ser noticiadas, inicialmente na imprensa internacional e posteriormente no Brasil, revelando a realidade da população e dos conflitos indígenas no Brasil, como a luta dos Kaingang no Rio Grande do Sul e dos povos das Missões, de onde tem origem o líder Sapé Tiarajú, o santo da resistência indígena no Brasil. Ele morreu gritando que “esta terra tem dono” em 1756, em São Gabriel, defendendo as terras das Missões, entre outros em todo Brasil. Este processo teve consequência no debate da Constituinte e na Carta Magna aprovada em 1988. E no Caput do Artigo 231 reza: **‘São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens’.**

A Constituição reconhece direitos legitimamente conquistados com lutas e muitos sacrifícios e sacrificados. Conquistada como lei o direito à demarcação dos territórios, passa então na prática à luta pela retomada dos territórios originais e a demarcação como determina a Constituição. Os

povos passam a reconstruir e solidificar as identidades dos povos indígenas, lutar por suas culturas, pela direito à saúde, educação e alimentação.

A demarcação urgente dos territórios originais dos povos indígenas não é uma bandeira apenas destes povos, mas do conjunto das organizações políticas, movimentos sociais e partidos de esquerda. É uma bandeira de luta do povo brasileiro, como dívida histórica de toda uma Nação com quem tanto lutou e resistiu para que este país no mínimo os respeitasse como povos originários e garantissem seus territórios para viverem, sobreviverem e se reproduzirem.

Apesar de nos governos do PT, em função da burocracia do Estado e da falta de decisão política de enfrentar o latifúndio e demarcar todas as terras indígenas, as demarcações não avançaram. Fica ainda como dívida. Mas as políticas públicas chegaram aos povos, o que permitiu melhorar a qualidade de vida e o reconhecimento de diversos povos. Por isso, a população indígena cresceu percentualmente nestas duas últimas décadas e, hoje, é formada por 254 povos, uma população de quase 900 mil indígenas, que representa 0,47% da população brasileira, que se mantém em luta para serem respeitados como brasileiros, como sujeitos de direitos legitimamente conquistados na Constituição Federal.

Nossa greve de fome, também estar intrinsecamente vinculada às bandeiras dos povos indígenas, é por nem mais um parente assassinado, nenhum “curumim” (criança) mais morto pela fome. Vida longa aos povos originários da Pátria brasileira que queremos construir.

e) Consequências do Golpe para a Soberania Nacional

Hoje, vou tentar escrever algumas ideias sobre a defesa da soberania nacional. Desde o início da colonização, os colonizadores não pensaram na possibilidade de construir aqui uma nação. O modelo desenvolvido foi de exploração. Como colônia, sob o domínio da coroa portuguesa, o papel que o Brasil teria que cumprir era de garantir riqueza para que Portugal continuasse a colonizar outros povos e sustentar a ostentação da Família Real. Buscaram especiarias para troca comercial com outros países, transformando todas elas em moeda e riqueza. Mantinham um Exército forte, investiam em desenvolvimento e tecnologia de navegação. Portugal disputava espaço com diversas nações, em especial a disputa comercial com o vizinho reinado Espanhol. O mercantilismo, modelo econômico da época, integrou diversas regiões do mundo por meio das expansões marítimo-comerciais. Com uma logística de transporte extremamente barato foi possível explorar, a custo da escravidão de índios e depois negros do continente africano, as nossas riquezas, que sempre estavam a serviço dos interesses comerciais do Império Português. Assim foi com o Pau Brasil, depois o ouro, cana de açúcar, café e cacau.

Durante mais de três longos séculos, trataram de derrotar exemplarmente todos os que tentaram se rebelar contra a dominação colonial. Foram muitos massacres e enforcamentos, como os de Joaquim Nabuco, Tiradentes, Luiza Mahin e milhares de brasileiras e brasileiros que defendiam a independência.

Dessa forma, no Brasil até hoje tem uma elite muito rica, ostentadora, entreguista e a serviço dos interesses do capital e internacional. O lucro esteve sempre à frente dos interesses nacionais. O modelo de desenvolvimento econômico durante o período do capitalismo mercantil era baseado na grande propriedade da terra, monocultura e trabalho escravo, com controle do poder baseado na tríade: Estado Imperial, Latifúndio e Igreja. Talvez isso tenha favorecido para construir uma elite brasileira tão servil, com uma relação de classes tão violenta e desigual. Para eles, povo é escravo e escravo não precisa de direitos, de educação, de saúde, de habitação, de carteira assinada. Pobre precisa de comida para trabalhar e trabalhar para ganhar comida. A casa grande não se mistura com a senzala. Bairros e conjuntos residenciais para ricos e bairros sem infraestrutura social e favela para pobres. Para eles, a nação só interessa para manter seus privilégios.

Mas, uma das mais importantes ações do governo neste período foi a ampliação e expansão das relações internacionais do Brasil. Soberania nacional também é a capacidade de um país de realizar relações políticas e comerciais autônomas. Até 2002, nossa relação política e comercial estava praticamente limitada e dependente do império norte-americano e alguns poucos países europeus. Em 2016, o Brasil já não era mais dependente da relação comercial com os americanos, que teve essa relação diminuída em mais de 60%. Foi ampliada a nossa relação com o Mercosul, toda a América do Sul, América Central, quase toda a Europa, África e Ásia. Na política, o governo brasileiro participou de vários organismos internacionais como o G20 e o BRICS. Era uma relação mais autônoma e independente, se projetando como um país, como uma pátria com soberania nacional e solidária.

Os golpistas hoje estão retrocedendo a soberania nacional ao que eles sempre quiseram, que é ter uma economia dependente e submissa ao capital, ao mercado e interesses internacionais. Estão vendendo tudo, as empresas estatais, o Pré-Sal, minérios, água e energia. Estão novamente reduzindo e limitando a nossa soberania nacional a uma relação refém dos norte-americanos e aos interesses do mercado.

A burguesia continua a mesma, o que importa é o lucro. Através de seus instrumentos ideológicos eles pregam ódio, preconceito, racismo, e divisionismo entre o povo para se manter no poder. A defesa da soberania nacional depende de derrotarmos o golpe e eleger Lula para construirmos mais um ciclo de defesa e construção de uma pátria livre e soberana.

f) Consequência do Golpe para a Integração Latino-Americana

Hoje, domingo, tivemos muitas visitas religiosas, políticas e de vários artistas que tocaram muitas canções para o grupo de grevistas e cuidadores. Recebemos uma turma de um curso de formação da CONTAG e delegações latino-americanas e uma cantora venezuelana. Vieram “comemorar” os 20 dias da nossa greve. Isso me fez pensar a importância do Brasil para América Latina, a importância de um governo progressista, o que foi feito e realizado na região no ciclo dos Governos Lula e as consequências do golpe no Brasil para a integração latino-americana.

A fronteira terrestre representa cerca de 68% de toda a extensão dos limites territoriais brasileiros, colocando o Brasil em contato com dez outras nações sul-americanas. Com exceção do Chile e do Equador, todos os países sul-americanos fazem divisa com o Brasil. O Brasil viveu cinco séculos sem política de integração com nossos *hermanos* latinos. A burguesia brasileira sempre esteve submissa aos interesses europeus e norte-americanos. Sempre virados para o Atlântico, tentando imitar costumes e tradições europeias, seus filhos até hoje estudam na Europa e muitos têm vida dupla com moradias e casas na Europa ou nos Estados Unidos.

Mais recentemente, também se posicionaram o comandante Fidel Castro, o presidente bolivariano Hugo Chávez e o preso político e candidato à presidência Luís Inácio Lula da Silva. Lula, em 2017, declarou que a “defesa da integração latino-americana é mais necessária que nunca como um fator de desenvolvimento e de enfrentamento à crise econômica”. Com a eleição de Lula no Brasil, em 2003, Hugo Chávez na Venezuela, principalmente depois da tentativa de golpe pela extrema direita em 2002; eleições de Evo Morales na Bolívia; Fernando Lugo no Paraguai; Cristina Kirchner na Argentina; Bachelet no Chile; Jose Mujica no Uruguai; Daniel Ortega na Nicarágua e Zelaya em Honduras, foi possível construir novas formas de relação política, econômica e institucional entre os países e a Grande Pátria latino-americana, com novos valores, em especial de integração e solidariedade. Do ponto de vista institucional, foram criadas a Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA) e a Comunidades dos Estados Latino-Americano e Caribe (CELAC) e também foi fortalecido o Mercosul.

Lula passou a ter visão mais latino-americana, tendo Celso Amorim como ministro das relações exteriores e passando a promover ações políticas e econômicas na região. A primeira ação com simbologia política e solidária que marcou o início do governo foi o de socorrer a Venezuela com combustível quando as petroleiras, em protesto contra Chávez, boicotaram os serviços de fornecimento de combustível no país. O povo da Venezuela nunca esqueceu desta ação do governo brasileiro. Do ponto de vista econômico, foram muitas atividades comerciais realizadas entre os países, aumentando e priorizando politicamente esta relação comercial na região. Duas ações marcaram este ciclo político: a compra do gás boliviano, que é importante para o Brasil, mas é determinante para a economia boliviana.

Outra decisão fundamental do ponto de vista político e econômico foi a compra por preço justo da sobra de energia produzida pela Itaipu Binacional, que a burguesia industrial paulista estava pressionando para receber a energia elétrica de graça do Paraguai, desrespeitando a soberania do país vizinho e parceiro na segunda maior hidrelétrica do mundo.

A burguesia brasileira sempre desejou cumprir um papel de sub-imperialista na região, cumprindo um papel submisso aos interesses do império norte-americano. Vivemos, por algum tempo, um ciclo de posicionamento soberano e integrador do Brasil na região, como na posição contra o golpe e em defesa da soberania de Honduras, quando os americanos promovem o golpe contra o presidente Zelaya e também quando se posicionou contra o golpe no Paraguai contra o presidente Lugo.

O golpe no Brasil, bem como contra os outros países na América Latina, levou os golpistas brasileiros a retroceder em tudo o que foi construído de novo nessa relação internacional integradora, solidária e politicamente correta. O fim do golpe no Brasil também é de grande interesse para todo o povo latino-americano.

g) As consequências do Golpe para a Saúde

211

Para Josué de Castro, “O ‘progresso social’ não se exprime apenas pelo volume da renda global ou pela renda média per capita, que é uma abstração estatística”. E complementa: “O que falta é vontade política para mobilizar recursos a favor dos que têm fome”

No Brasil, a saúde sempre foi tratada como atendimento médico em consultórios e hospitais, como tratamento de doença, médico sempre tratado como doutor, com *status* de classe média alta, quase como um ser intocável, distante do povo. Para o povo, quando tinha eram filas nos poucos hospitais e tratado como uma obrigação sempre com má vontade. Os profissionais de medicina, médicos em especial, atendiam em hospitais públicos, tem seus consultórios e ainda atendem em hospitais privados. Portanto, quando chega ao espaço público, nem olhava para o paciente, perguntava o que sentia e entregava uma receita quase padrão para todas as doenças, salvo boas exceções que fugiam das regras. Apesar da Constituição de 1988 ter criado o Sistema Único de Saúde (SUS), como um dos melhores programas de saúde pública do mundo não mudou a prática e a lógica da saúde no Brasil.

O Programa Mais Médicos, inicialmente com médicos e médicas cubanas, fez uma revolução no atendimento básico de saúde em todo Brasil. Este programa é uma das questões fundamentais para que o povo, mesmo em silêncio, já que não conseguimos mobilizar nas ruas, demonstra nas pesquisas opinião pública de intenção de votos para presidente da república. Você imagina o sentimento do povo, que na realidade enfrentavam intermináveis filas em hospitais e postos de saúde para pegar uma ficha para atendimento, e com esse programa o médico vem no posto de saúde próximo de sua casa e

até na casa do trabalhador. Ele que nunca conseguiu conversar com um médico, agora é atendido com dignidade?

O que estar em jogo, hoje, são duas coisas básicas: o risco do desmantelamento e sucateamento do SUS, por falta de verba e por interesses de privatização e terceirização do sistema público de saúde, e aos poucos vão encerrar o programas Mais Médicos e voltar, ao retrocesso anterior. É certo que falta muito ainda para avançar, mas o pouco que se avançou em programas e políticas públicas como: SAMU (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), UPAS, UPAS especializadas, Hospitais da Mulher, Programa Mais Médicos, Farmácia Popular, Construção de Hospitais regionais no interior do país, fortalecimento de indústrias farmacêuticas, investimentos em pesquisas, fortalecimento da FIOCRUZ, além de criação de novos cursos de medicina e profissionais de saúde também para municípios do interior do estado, em fase de popularizar e qualificar a vocação da medicina .

Resistir ao Golpe, é lutar para impedir mais retrocesso no sistema público de saúde no Brasil, já tão precária

4. OS DESAFIOS PARA O POVO BRASILEIRO

212

Foto: Juliana Adriano | MST

Neste período em que passou em greve de fome, além das análises, Amorim achou importante apontar futuro, expressos nos desafios que temos que assumir, como classe trabalhadora, para superar as causas da opressão nessa conjuntura de golpe. Alguns dos textos que escreveu, embora em alguns, já muito debilitado fisicamente, mas como eles costumavam dizer: “fraco do corpo, mas com o espírito fortalecido na certeza que estamos fazendo a coisa certa e estamos do lado bom da história”. Esses elementos de saída da crise foram colocados

como desafios para a sociedade. Foram quatro textos escritos em dias diferentes, já no avançar dos dias da greve.

O primeiro texto escrito no 12º dia trabalha a missão do papa Francisco e as primeiras repercussões da sua orientação pastoral. Foram 11 bispos que visitaram o espaço dos grevistas para trazer mensagens de fé, solidariedade e compromissos, orientados na pregação da Vossa Santidade: “Nenhuma família sem casa; nenhum camponês sem terra; nenhum trabalhador sem direito. Casa, terra e trabalho como direitos fundamentais do ser humano”. Esta orientação tem sido determinante para a igreja orientar seus pastores e fiéis a uma ação consciente e solidária em defesa da democracia e da justiça social.

O desafio da organização da classe trabalhadora, foi abordado no texto do dia 15º dia, na perspectiva de construir a resistência, a longo prazo, contra a crise mundial do capitalismo que causou para a maioria dos países de todos os continentes, consequências nefastas, principalmente para as camadas mais pobres da população. Convocando a militância para o trabalho de organização do povo.

“Para realizar isto, é necessária presença, enraizamento e cumplicidade com o povo. Façamos todos nós como militantes da causa em defesa da democracia, contra o Golpe e por LULA LIVRE, trabalho e organização de base”.

Como desafios para o retorno das caravanas, Amorim escreveu no texto do 17º dia, foi denominado “Voltar ao Combate”, escrito depois do grande ato em Brasília, da chegada da marcha e o ato de registro da candidatura de Lula, onde apontou que:

Os próximos passos do processo político atual vão estar voltados em três direções simultaneamente: a primeira é a luta política pela liberdade de Lula e para garantir as condições de elegibilidade para que ele possa disputar as eleições, mantendo uma sintonia estreita entre a greve de fome e as atividades de vigília e jejum nos estados e as ações jurídicas de resistência no TSE. A segunda direção, é estarmos voltados para a campanha de Lula presidente. Agora, Lula está registrado e é oficialmente candidato, e como está encarcerado em prisão política, a militância vai ser a sua voz. Terceiro, não esquecer das bandeiras de lutas que nós, a Frente Brasil Popular, acordamos com Lula: a) de realizar de imediato o referendo revogatório das medidas e reformas realizadas durante o golpe; b) de realizar as reformas necessárias para fortalecer o processo democrático como: a reforma do sistema político, a reforma do poder judiciário, a reforma da comunicação, a reforma tributária, a reforma agrária e a reforma urbana.

Os desafios da formação política expressos no texto do 19º dia, em uma situação, já bastante debilitada fisicamente, mas com cada vez mais clareza que ele tem na formação da consciência da nossa militância: “É tarefa da formação incentivar a prática dos novos valores, da mística revolucionária inserida na dinâmica da luta de classes. Precisa avançar no conteúdo e na forma da sua vivência, ou seja, o conteúdo da revolução, criando e recriando a mística revolucionária cotidianamente. Vivenciar a mística revolucionária do Internacionalismo, bem como, praticar a solidariedade internacional a todos os povos do mundo”.

3.1. A Estratégia: Desafios Políticos e Organizativos

Neste conjunto de textos, voltado para refletir a estratégia e os desafios políticos organizativos, agrupamos três textos de reflexão com a militância, refletindo tarefas imediatas, mas para preparar os embates futuros na defesa do projeto estratégico: O texto “O tático e o estratégico, “Nunca esqueça da Chinesinha” (escrito no 18º dia), procurei relatar com o máximo de fidelidade de uma história contada em uma palestra sobre a mística, há muitos anos pelo monge Marcelo Barros. Memória de palestra:

“Conta que, um jovem americano encontra com uma jovem chinesa dentro do metro, e ambos se sentiram flechados pela paixão, ele volta outro dia para tentar se encontrar no mesmo vagão, no mesmo horário, se tocaram, sentiram que se amavam, mas não podiam se comunicar por que, ele não entendia o Chinês e nem ela o Inglês. Por muitos dias se encontraram, se tocavam, mas não conversavam. A paixão cresceu alucinadamente entre eles. Mas chegou um dia que ela teve que voltar para seu país, sem poderem se falar. Ele toma uma decisão de apreender a língua chinesa para viajar à China e casar com a jovem e linda chinesinha. Depois de dois anos de estudo, apreendeu falar mandarim (língua Chinesa), estudou sobre a china: economia, cultura, costumes, territórios. Virou um estudioso, um sábio sobre a China. Passou a ser convidado para realizar palestra sobre a China, intérprete para empresários e gente famosa, ficou famoso e esqueceu do objetivo que o levou a estudar chinês”

Esse texto tinha como objetivo lembrar “que quando a tática vira a estratégia é porque perdemos de vista, o objetivo estratégico (a chinesinha) que nos levou a lutar e resistir por longos anos”. Procuro lembrar no texto, que devemos realizar tarefas táticas, sem esquecer que estas bandeiras são caminhos para acumular forças, organizar o povo, elevar a consciência política e cultural para elaborar um programa popular (estratégico) para o Brasil. Definir bandeiras de lutas que sintetizam os anseios e sonhos do povo, definir bandeiras de lutas que apontem para a construção do Socialismo, como objetivo estratégico, o projeto, a causa, da classe trabalhadora. “Neste momento político, é estratégico eleger Lula, mas nunca esquecer dos verdadeiros inimigos da classe trabalhadora, do projeto

estratégico, da causa, como mística que conduz homens e mulheres no mundo a lutar, construir e disputar corações e mentes da população”.

Amorim buscou trabalhar também a comunicação como desafio político organizativo, que está no campo de difusão das ideias do projeto. Para isso, dedicou o penúltimo texto, um dia antes do encerramento da greve, para tratar da comunicação. Descrevendo neste texto sobre o monopólio da comunicação no Brasil, que é parte da nossa história de dominação e controle ideológicos da população, “sempre foram tarefa da tríade de controle ideológico: jornais, mais tarde o rádio e depois a televisão, a escola e a igrejas (hoje as Igrejas)”. Foi assim no golpe militar “Para garantir uma aceitação passiva do Golpe de 1964 eles criaram a TV Globo com rede nacional e rádios paulistas e cariocas com alcance nacional. As igrejas mobilizando nos cultos e nas grandes caminhadas contra o comunismo, as universidades foram tomadas por agentes infiltrados, reprimindo e prendendo estudantes e nas escolas ensinando a defesa do patriotismo e o respeito aos símbolos nacionais. Como apoio ao controle ideológico, a tortura, o assassinato e a repressão. Transformaram o “ser comunista”, em um inimigo para pátria e inimigo do povo, um ser antipatriota, antirreligioso que tem que ser banido da face da terra”. Procure analisar como a mídia comercial conspirou e apoiou o golpe atual.

Importante interpretar como a mídia popular consegue furar os bloqueios impostos pelo golpe e exemplifica:

Este período recente da conjuntura pode servir de exemplo para o enfrentamento, a batalha que precisamos fazer nos meios de comunicação. Realizamos várias mobilizações de massas, fortes e bonitas, como: A Marcha nacional com três colunas, a Greve de Fome de 26 dias, atos de vigília e jejum em vários estados. Todos estes atos políticos de repercussão nacional e internacional, a grande imprensa, ou a imprensa burguesa ou ainda, a imprensa comercial fez de tudo para inviabilizar e isolar. O que eles não contavam é com os novos elementos e instrumentos de comunicação e informação, como: as mídias sociais, comunicação popular em rede, blogs, rádios web e livres, jornais impressos, em especial a atuação do *Brasil de Fato* com o seu sistema de comunicação: tabloide semanal e especiais, programa de rádio, página na internet e rádio web, romperam com esta tentativa de invisibilidade.”

Para Amorim este processo nos indica caminhos da comunicação de massas, do projeto político e da causa da classe trabalhadora. A comunicação terá que cumprir um papel estratégico de levar informação e comunicação com a maior brevidade e atualização possível, atingir o máximo de pessoas, e não apenas a base de militantes.

5. GREVE DE FOME COMO INSTRUMENTO DA LULA POLÍTICA

Foto: MST - Encontro de grevistas com a ministra Rosa Weber / Divulgação

No 19º dia, surge a novidade: “Aconteceu o que o Brasil precisava, como um fato novo para alterar a conjuntura. A liminar da ONU (do Conselho de Direitos Humanos da ONU) determinando que Lula tenha direito de ser candidato, participar de debates e realizar reuniões de organização de campanha. Enfim, o Conselho de Direitos Humanos classifica Lula como preso político e através de uma liminar determina o seu direito de ser candidato e disputar as eleições. Um fato novo que temos que entender melhor e saber como aproveitar para fazer política e atuar em várias frentes.

Depois do vigésimo dia de greve de fome, muitos já preocupados com a saúde e vidas dos grevistas, Amorim passou a refletir nos textos sobre o papel da greve de fome como instrumento de luta e nesse caso de pressão sobre o STF. “O mais importante foi entender que

a população estava respondendo bem ao apelo por democracia e justiça social. Estava sendo fundamental o momento de solidariedade que se estava construindo ao redor da greve e em relação a prisão de Lula”.

A Greve de fome, mesmo com a tentativa ostensiva de invisibilidade, ganhou proporção nacional e internacional, o coletivo estava firme e havia condições reais de alterar a correlação de forças. O texto ”Greve de fome contra a fome”, escrito no 22º dia da greve, reflete essa intenção:

Acordamos mais fortalecidos no espírito, apesar do corpo mais fatigado, sonolento e cansado, mas com mais certeza da nossa tarefa política neste momento histórico em que o povo clama contra a ameaça da fome, que já atinge mais de 12 milhões de brasileiros e brasileiras” (...) “A fome contra a fome: Nós estamos em greve de fome por opção, como protesto político contra a fome e pela liberdade de Lula e suas condições de elegibilidade, mas milhares de brasileiros passam fome por imposição do modelo adotado pelo golpe” (...) “pra quem viveu um ciclo histórico de pleno emprego e hoje estão desempregados, sem esperança, olhando pra frente e não enxergando alternativa”. O pior de toda a crise é a desesperança, quando um povo perde a possibilidade de sonhar. A cada dia que passamos em greve de fome temos mais clareza que temos que lutar contra as injustiças, a fome, a violência que atinge frontalmente as camadas mais pobres da população brasileira e o desemprego que leva a desesperança a grande parte do povo brasileiro”. “Não fizemos greve de fome por Lula como cidadão, estamos em greve de fome por tudo o que Lula representa neste momento político em que vivemos no Brasil. Ele é a representação dos sonhos, da esperança de toda uma nação.

217

No 23º dia, o texto tenta analisar as decisões jurídicas possíveis para o momento principalmente quando se tem as portas sendo abertas para reuniões com ministros e ministras do STF, como inédito na história do Brasil.

Hoje foi um dia de peregrinação pelo STF, fomos recebidos por três ministros, um que pede sigilo, ministro Barroso e Rosa Weber. Ambos nos receberam bem, uns mais formais, outros mais informais, mas continuamos reivindicando o agendamento da votação das Ações Declaratórias de Constitucionalidades (ADCs) e o cumprimento pelo Brasil da liminar da ONU que garante o direito de Lula ser candidato e disputar as eleições legalmente mesmo preso. Este ponto apenas relembramos a eles, as placas de aço expostas em todos os gabinetes. “É tarefa do STF, como guardião da constituição brasileira, fazer cumprir todos os protocolos internacionais assinado pelo Brasil”. Bom não precisava falar mais nada.

Hoje, podemos considerar uma vitória importante diante de tantas batalhas dessa guerra política que vem pela frente. O registro da candidatura eleva agora a disputa para as ruas na campanha eleitoral e nos tribunais. Como o poder judiciário foi partidarizado, também é correto dizer que a política foi judicializada. Ou seja, tudo se resolve na justiça, pelo STF e agora no Tribunal Superior eleitoral (TSE), mas as decisões não são jurídicas, são decisões políticas decididas e orientadas pelos golpistas para impedir que Lula possa ser candidato. Então não podemos nos iludir, se quisermos reverter as decisões no STF, temos que construir força política para garantir uma decisão judicial a partir da mobilização popular. Neste caso, a greve de fome é um dos elementos capazes de criar uma irradiação nacional que pode alterar o atual quadro da correlação de forças. O que estamos reivindicando é uma pauta republicana, não tem nada de revolucionário, estamos pedindo que se cumpra o que diz a constituição, no artigo 5º, Inciso LVII da Constituição Federal de 1988: “Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória”. Usurparam a Constituição Federal a serviço do golpe. A Constituição é clara e objetiva. Nossas bandeiras são pela liberdade de Lula, democracia e soberania nacional. Liberdade, democracia e soberania são pautas de um povo que pensa em construir destes país uma nação.

Os textos passaram a refletir, sobre a necessidade de construção de novos instrumentos de luta política e que o golpe encerra um ciclo político no Brasil e esgota também o modelo atual de partidos para elaboração e condução estratégica.

A nova correlação de forças nacionais e internacionais e novas condições objetivas e subjetivas, novas configurações e elaborações táticas e estratégicas, deste novo cenário político. Surgem duas novidades, neste processo da luta de classes: uma nova geração de militantes, sem vícios partidários e de disputas internas entre tendências e dispostas a conduzir a luta política para um novo estágio da luta de classes, mobilizando e organizando o povo nas suas diversas novas ferramentas de organização e participação política. E a Frente Brasil Popular como uma novidade, com pretensão de se constituir como frente de convocação e orientação política para a classe, aglutinando desde partidos políticos, centrais sindicais e movimentos e organizações sociais. Certamente, o novo, para este novo momento político está preste a surgir.

6. O CAMINHO SE FAZ AO CAMINHAR

“Na luta de classe, todas as armas são boas: pedras, noites e poemas”, acrescido agora na poesia do Leminski o nosso próprio corpo como arma. Depois de 26 dias, sem ingerir alimentos, no dia 25 de agosto, a greve de fome chega ao fim, mas não as causas que a

motivou: “a fome de justiça”, não por vontade dos grevistas, por eles iam até as últimas consequências, mas atendendo ao chamado de suas organizações para retornarem às bases. Para as organizações, a greve já tinha cumprido seu propósito, que nem sempre é a vitória da pauta principal, mas que ela é a prova material de que foram utilizadas todas as possibilidades de luta.

Essa clareza foi retratada por Amorim no último texto:

Quando iniciamos a greve de fome, sabíamos que um dia iria chegar ao limite e esgotamento: limite físico do corpo e esgotamento da tática (instrumento de Luta). Do ponto de vista do nosso limite físico, teríamos condições para sustentar, mais alguns dias com riscos, de sequelas irreversíveis. Mas a decisão de parar foi política. Somos parte de nossas organizações que estavam conduzindo a greve, para estender em bases da conjuntura o limite, que poderíamos ir e decidir o momento de parar e por que parar? Esta talvez possa ser a maior questão pois não atingimos o objetivo central da greve. ‘Liberdade de Lula e as condições para ele ser candidato’.

No entanto, esta era uma meta muito ampla, quando falamos de um Judiciário politizado a serviço do golpe. Mas neste período alcançamos importantes resultados na luta política como:

‘A marcha Nacional em Brasília, sendo recebida nas cidades sob aplausos da população, durante seis dias de caminhada o Brasil estava focado na sua evolução; o ato do dia 15, para o registro da candidatura de Lula, mais de 50 mil pessoas no ato, como uma questão inédita no Brasil e no Mundo. O candidato preso e o povo em marcha registra sua candidatura; a decisão da ONU, do conselho de Direitos Humanos, de conceder uma limitação exigindo que o Brasil garanta a legibilidade eleitoral e que Lula tem direito, mesmo preso de participar, dos debates. Exigindo que o Estado brasileiro cumpra as determinações de imediato, de acordo com o protocolo aprovado pelo Senado da República e assinado pelo governo Brasileiro; no campo eleitoral, estamos vendo a queda da candidatura de Bolsonaro, a inviabilização da candidatura de Alckmim, enquanto a candidatura de Lula dispara em todas as pesquisas e em todas as regiões do Brasil; ainda no final desta sexta feira, o presidente do Senado Federal, fez uma declaração pública, mesmo que muito tímida, declarando que a declaração da ONU tem que ser cumprida pelo Estado brasileiro em respeito ao protocolo assinado.

A correlação de forças está alterando, consideravelmente, a nosso favor neste período. A greve de fome não foi o único instrumento responsável por estas mudanças, mas contribuiu consideravelmente. Conseguimos, durante 26 dias, tencionar o poder judiciário, fomos recebidos por sete ministros do STF ou gabinete, escancaramos o STF como nunca, nas palavras Marcos Antônio Corbari, jornalista que acompanhou todo esse processo “Firmamos uma narrativa a partir do campo popular, ajudamos a escrever a história de nossa

gente e fizemos o judiciário – até então um poder inacessível aos mais simples – olhar para o povo e envergonhar-se de sua covardia cerimonial’.

Essa greve de fome foi pedagógica para milhares de militantes sociais que viram suas esperanças renascidas e a mística revigorada por tamanho gesto de amor ao próximo. Além dos elementos retratados por Amorim, dois camaradas que os acompanhou por todos esses dias expressaram, através de artigo e matéria jornalística, expressivos relatos dessa experiência como nos descreve em sua matéria jornalística Marcos Antonio Corbari, jornalista que nos acompanhou todo tempo:

Nós, porém, que caminhamos ao seu lado nestes dias tão intensos, somos testemunhas de vitórias que se construíram a cada dia e se solidificaram passo a passo no lado correto da história [...] Em meio a estes ataques cruéis somos desafiados a seguir sorridentes, altivos, esperançosos, certos de uma vitória que ainda não está ao alcance de nossas mãos, mas reside esplendida em cada instante do nosso caminhar. E o médico, Otavio Dutra, em que descreve em seu artigo intitulado: ‘Nossa fome é por pão, terra, teto, trabalho e alegria’: ‘Na greve de fome imperou a solidariedade ao egoísmo, a partilha à ganância, o amor ao ódio, o respeito à intolerância, o altruísmo à vaidade. Gerou uma alavanca que impulsionará as lutas do porvir, por pão, terra, teto, trabalho e alegria.

Receberam também o reconhecimento do Lula, principal objetivo da greve de fome que era sua liberdade, em carta ao MST se direciona a aos grevistas com o seguinte recado:

Peço aos companheiros da direção, ao João Pedro e João Paulo e tantos outros, que sejam portadores da minha eterna gratidão a cada trabalhador e trabalhadora do MST. E leve um abraço muito especial e carinhoso ao Jaime Amorim, que está se sacrificando junto com outros companheiros [Frei Sérgio, Zonália, Gegê, Rafaela, Vilmar e Leonardo] na greve de fome em Brasília.

Nesse ano em que comemoramos os 50 anos da Pedagogia do Oprimido, terminamos esse relato parafraseando o pensamento de Freire ao final da obra: “Se nada ficar desta greve de fome, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e mulheres, na criação de um mundo em que seja menos difícil amar”.

Submetido em: 28/08/2018
Aprovado em: 30/08/2018